



A senhora da caixa

Havia uma senhora que dormia numa caixa ao fundo da nossa rua. Antes de escurecer, sentava-se na caixa em frente à pastelaria, e olhava fixamente para o edifício. Quando o céu ficava escuro, a senhora encolhia-se para caber dentro da caixa. Acho que dormia nela todas as noites.

A pastelaria deve ter-lhe agradado, por causa do ar quente que vinha da cave através da grelha. O ar quente impedia-a de congelar.

Nunca a via de manhã, e a minha irmã Lizzie também não. O mais certo era ter levado a caixa para um lugar seguro, antes de ir buscá-la de novo à noite.

Podíamos ter guardado a caixa em nossa casa, mas os nossos pais não queriam que falássemos com estranhos. Por isso, não nos oferecemos para o fazer.

Parecia ser uma senhora simpática e amável. Eu costumava sorrir para ela e, ainda ontem, fiquei com a sensação de que ela tinha sorrido para mim também. Mas talvez não tenha sorrido, e eu apenas desejasse que ela o tivesse feito.

A senhora da caixa parecia ter fome.

Foi a Lizzie quem teve a ideia de lhe levar comida. Quando lhe recordei que não podíamos falar com estranhos, a minha irmã disse que não teríamos de falar

com ela. Iríamos apenas colocar bolachas e manteiga de amendoim ao lado da caixa. Da primeira vez, esquecemo-nos da faca. Contudo, a senhora lá se desembaraçou, porque, no dia seguinte, o frasco de manteiga de amendoim estava vazio.

Pensei que ela devia comer alimentos que lhe fizessem bem, e, por isso, levei-lhe duas cenouras cruas, um ramo de aipo e uma maçã. A Lizzie disse que a senhora da caixa não tinha dentes suficientes para mastigar comida dura.

Então, fomos ver que sopas havia no armário da nossa cozinha: creme de aipo e sopa de legumes. Eram ambas sopas macias e cremosas, o ideal para alguém sem dentes. Aquecemos a sopa de legumes e descemos rapidamente as escadas para a levar antes que arrefecesse. Depois, corremos para casa antes que a nossa mãe achasse que estávamos a fazer algo de errado.



*A*s montras das lojas já estavam todas enfeitadas para o Natal. Agora anoitecia cedo e as noites eram muito mais frias.

Dado que a senhora da caixa não tinha roupa suficientemente quente para se agasalhar, procurámos nos nossos armários algo que lhe pudéssemos levar.

Na prateleira do armário da Lizzie, havia um grande lenço com flores vermelhas brilhantes. A minha irmã disse que não gostava do lenço porque lhe fazia comichão. Eu tinha dúvidas de que a senhora da caixa gostasse do lenço, mas sempre era melhor do que o vento frio que soprava no seu pescoço.

Deixámo-lo junto da caixa.



Mais tarde, vimos o lenço enrolado à volta do seu pescoço. Talvez ela gostasse de flores vermelhas. Nesse dia, chamou por nós:

— Chamo-me Dorrie. Obrigada!

— Eu chamo-me Lizzie e este é o Ben, o meu irmão — disse a Lizzie. — Seja bem-vinda.

Eu ainda estava preocupado com o que a nossa mãe dissera sobre falarmos com estranhos, mas disse à Lizzie:

— Agora que sabemos como a senhora se chama, já não se trata propriamente de uma estranha, pois não?

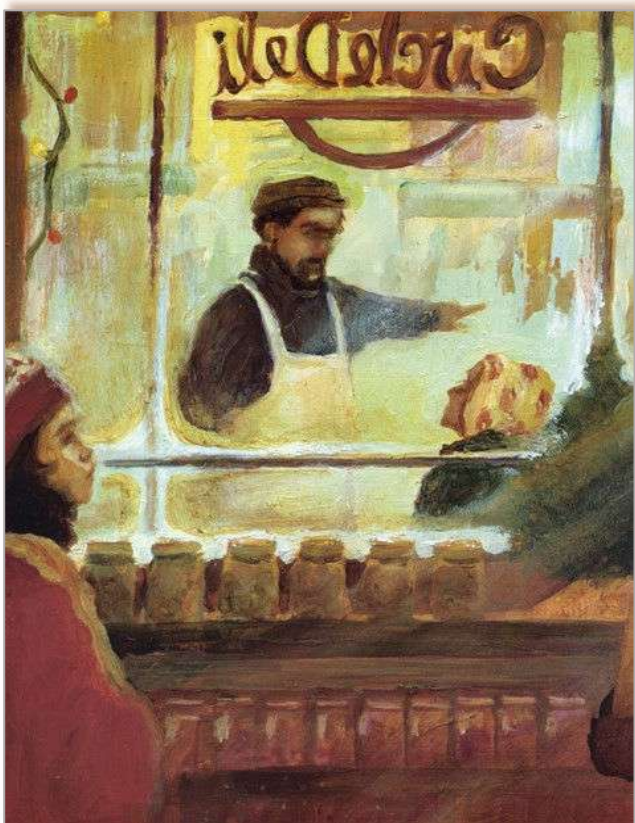
A minha irmã concordou.

No dia seguinte, estava um frio de rachar.

O dono da pastelaria saiu da loja e começou a gritar com a Sra. Dorrie:

— Saia daqui! Não a quero ver sentada diante da minha loja. As pessoas já estão a queixar-se...

A Sra. Dorrie viu-se obrigada a ir armar a caixa diante de uma loja vazia ao fundo da rua. Contudo, como aí não havia ar quente a subir da cave, ela começou



a tremer, e reparei que os seus lábios pareciam um pouco azuis. A Lizzie disse que estavam cerca de dez graus negativos.

— Temos de fazer alguma coisa — disse ela — ou a Sra. Dorrie vai morrer congelada.

— Podíamos trazer-lhe alguns dos nossos cobertores — disse eu.

— Isso não é boa ideia, porque a mamã iria de certeza descobrir — discordou a minha irmã.

Subimos em silêncio os dois lanços de escadas até ao nosso

apartamento. Achei que a Lizzie estava a pensar no mesmo que eu, ou seja, se havíamos ou não de falar da Sra. Dorrie à nossa mãe.

Contudo, quando chegámos a casa, foi a nossa mãe que nos confrontou. Queria saber por que motivo faltavam latas de sopa, e por que razão o lenço florido tinha desaparecido. Perguntou-nos o que andávamos a tramar.

Decidimos dizer-lhe. Afinal de contas, se ela conhecesse a senhora da caixa, saberia como ajudá-la.

Assim, falamos-lhe da comida e da mudança de lugar da caixa. E que o nome da senhora era Dorrie e que estava gelada.

A nossa mãe não ficou zangada nem gritou connosco.

Em vez disso, suspirou e disse:

— Muito bem, vamos falar com a senhora.

Descemos os três as escadas e contornámos a esquina. A nossa mãe bateu na caixa como se estivesse a bater à porta da casa de alguém.

— Importa-se de sair? Gostava de a conhecer.

A Sra. Dorrie saiu da caixa e sentou-se. A nossa mãe tem uma forma espantosa de fazer com que as pessoas se sintam à vontade a falar com ela.



A Sra. Dorrie falou-nos da perda do emprego e do facto de não poder pagar a renda, pelo que tivera de sair do seu apartamento. Disse que tinha ficado num abrigo para mulheres, e que alguém de lá lhe roubou o saco de roupa enquanto dormia. Depois disso, passou a dormir numa caixa na rua.



A nossa mãe ficou com o olhar de quem ia fazer algo acerca do assunto, e dirigiu-se à pastelaria. Quando viu o dono, disse-lhe que o Natal estava prestes a

chegar, que estava um frio de gelar, e usou termos como “bondade” e “simples caridade”. Por fim, o dono disse:

— Está bem, está bem, ela pode ficar.

Dissemos à Sra. Dorrie que podia mudar a sua caixa de novo para junto da pastelaria, e ela sorriu.

Depois fomos para casa, mas eu só conseguia pensar em ajudá-la.

Mas como?

Quando a minha mãe entrou no meu quarto para me dar um beijo de boas noites, disse-lhe que queria ajudar a senhora, mas que não sabia como o fazer. A minha mãe disse que pensaria em algo.



Quando chegou o sábado, a nossa mãe perguntou-nos se queríamos ir dar uma ajuda na cantina social do bairro.

— As pessoas sem abrigo podem comer de graça lá — disse.

A cantina social ficava na cave de uma igreja. A fila para entrar era longa. Senti-me triste por haver tanta gente a precisar de ajuda!

O meu trabalho era colocar um pedaço de pão e de manteiga num prato de papel. O trabalho da Lizzie era entregar o prato às pessoas na fila. O trabalho da nossa mãe era distribuir tigelas de sopa.

Eu estava tão ocupado que quase não ouvi que alguém chamara por mim.

Olhei para cima e vi a Sra. Dorrie na fila. Sorriu para mim.

— Olá, Ben!

— Olá, Sra. Dorrie! — disse eu, sorrindo de volta.

— Quem é a tua amiga? — perguntou a ajudante ao meu lado.

Amiga! Nunca ninguém tinha dito que a Sra. Dorrie era minha amiga, mas soava extremamente bem. Pensei: “Talvez um dia ela não tenha de viver naquela caixa. Talvez possa arranjar um emprego e uma casa. Então, ela teria uma chave, tal como eu tenho uma chave do nosso apartamento.”

Enfiei a mão no bolso e tirei o meu porta-chaves da sorte, que tem um trevo de quatro folhas em plástico.

Tirei a minha chave e dei à minha nova amiga o porta-chaves com o trevo de quatro folhas. Talvez isso lhe trouxesse sorte.

Talvez um dia ela pudesse usá-lo para pôr a sua própria chave.



NOTA DA AUTORA

The Lady in the Box [A Senhora da Caixa] é uma história que inventei, mas cuja ideia surgiu quando vi uma pessoa sem abrigo numa caixa ao virar da esquina do meu prédio em Nova Iorque.

Nos Estados Unidos, milhares de homens, mulheres e crianças não têm lar, e, por todo o país, existem organizações que ajudam os sem-abrigo. Há pessoas com formação específica que os ajudam com conselhos e empregos.

Eu trabalho como voluntária no centro comunitário Goddard-Riverside, em Nova Iorque, que possui vários programas para ajudar pessoas sem abrigo, incluindo dois edifícios com quartos.

Existem outros grupos e comunidades religiosas que também têm programas de ajuda. Também há cozinhas comunitárias que fornecem refeições quentes, e centros que distribuem roupa.



UM LIVRO QUE ENCONTROU UM LAR

Em 1993, quando Ann McGovern foi procurar uma editora para The Lady in the Box, o livro sobre os sem-abrigo que escreveu para crianças, descobriu que os editores tratavam a sua história da forma como algumas pessoas tratam esse problema, ou seja, virando as costas. “Penso que sentiram que era um assunto deprimente”, diz McGovern, cujos 53 livros infantis incluem o clássico Stone Soup [Sopa de Pedra]. Após quatro anos e vinte rejeições, a sua comovente história foi finalmente aceite.

Ann McGovern
The Lady in the Box
New York, Turtle Books
(Tradução e adaptação)

A Senhora da Caixa

1. Quem é a Senhora da Caixa?
2. Onde dorme ela?
3. Como a descreverias?
4. Porque é que a Senhora da Caixa (a Sra. Dorrie) se senta perto de uma pastelaria?
5. No início, Lizzie e Ben não falam com ela, mas depois começam a levar-lhe alimentos e agasalhos. Porquê?
6. Terias tu feito o mesmo? Justifica.
7. O que acontece quando o dono da pastelaria manda a Senhora da Caixa ir para longe do seu estabelecimento?
8. Depois de falar com os filhos, a mãe de Lizzie e de Ben toma algumas decisões que mudam o rumo da história:
 - a. Qual é a sua primeira atitude?
 - b. Com quem vai falar depois?
 - c. O que acaba por sugerir aos filhos?
 - d. O que diz tal comportamento do seu carácter?
9. No final do conto, que gesto faz Ben e o que simboliza ele?
10. Às vezes, ajudar começa apenas com *ver*, continua com *escutar*, e transforma-se num *gesto simples*, que pode abrir portas, mesmo quando ainda não há uma chave... Reflete então:
 - a. Na tua escola, há algum projeto de voluntariado? Qual ou quais?
 - b. Caso não haja, gostarias que algo fosse feito nesse sentido? Por que razão?
 - c. O quê, por exemplo?
11. Imagina que, no Natal seguinte, a Sra. Dorrie escreve uma carta a Lizzie e a Ben. O que lhes diria ela?